Arquivo Histórico de Joinville

Volume 1 Número 6 ago./1984

Criado pela Lei Municipal n.1182 de 20/03/1972 na gestão do Prefeito Harald Karmann, tendo sido seu lº Diretor A.B.Schneider

ágina
1
5
6
8

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ v.l, n.6, ago./1984. Joinville, 1983 Bimestral.

I. Documentação. História de Joinville. Periódico.

> CDU 002:9(816.42J)(05) CDD 029.7098164005

Arquivo Histórico de Joinville

Prefeitura Municipal de Joinville - PMJ Prefeito: Sr. Wi tich Freitag

Fundação Cultural de Joinville - FCJ Presidente: Prof.Miraci Dereti

- Conselho Curador -

Membros Efetivos:

João Luiz Sdrigotti - Rep. Poder Legislativo Apolinário Ternes - Rep. Corpo Docente da FURJ Germano Jacobs - Rep. Comissão Patrim. Hist. Arqueol. Art. Nat. Munic. Carlos Adauto Vieira - Rep. Cons. Munic. Cultura Dorival Casagrande Ramos - Rep. Sec. Plan. Coordenação

Membros Suplentes:

Cesar Condeixa Cabral - Rep.Poder Legislativo Otto Francisco de Souza - Rep.Corpo Docente da FURJ Telmo Pahl - Rep.Comissão Patrim.Hist.Arqueol.Art.Nat.Município Indio Negreiros da Costa - Rep.Cons.Munic.Cultura Luiz Gonzaga Ignácio - Rep.Sec.Plan.Coordenação

> Arquivo Histórico d∈ Joinville - AHJ Bibliotecária: Sarah Maria Isabel Gomes

Equipe de Trabalho:
Cesar Luis Dariva Moretti - Estagiário
Flly Herkenhoff - Historiadora
Gessônia Leite de Andrade - Datilógrafa
José da Silva - Auxiliar
Maria Thereza Böbel - Tradutora de Alemão

A Imperial Estrada Dona Francisca

Elly Herkenhoff

(Continuação)

É evidente que os índios, senhores da floresta, hostilizavam tanto os colonos como os desbravadores que iam traçando, palmo a palmo a grande estrada em direção ao Rio Negro. Em vários números do "Kolonie-Zeitung", encontram-se relatos sobre os ataques dos bugres e as medidas de segurança, empreendidas pelo Governo e pelos colonos. Assim o "Kolonie-Zeitung" de 23 de maio de 1877 noticia:

"Consta que os bugres se fazem sentir novamente no vale do rio Seco e no Alto da Serra, ao longo da estrada. Foram vistos vários bugres correndo pela estrada, ouviram-se gritos no mato e nas proximidades de algumas casas foram descobertos pegadas no chão..."

Wolfgang Ammon, em sua já citada "Crônica de São Bento", assim se expressa ainda sobre a estrada Dona Francisca, à página 130:

"Enquanto isso, a construção da importante e magnifica estrada que ligaria a Colônia Dona Francisca às províncias do Paraná e de São Paulo tinha feito enormes progressos".

O engenheiro Etienne Douat promovia energicamente a macadamização dos trechos já concluídos, assim como a abertura dos traçados para o interior.

A construção da Estrada da Serra deu a toda a Colônia Dona Francisca novo impulso. Graças ao dinheiro dispendido anualmente pelo Governo com as obras, foi possível dar imediatamente serviço e remuneração ao imigrantes. E centenas de colonos já estatelecidos encontraram na construção da estrada único meio de terem dinheiro na mão. Comércio, indústria e agricultura floresceram em consequência da construção da estrada e do numerário pago pelo (everno anualmente.

Essa estrada magnífica - na época e durante longo tempo a melhor em toda a América do Sul - deu acesso também aos matagais de propriedade do Príncipe de Joinville e de outros parentes imperiais. Este também foi, certamente, um dos principais motivos de ser ter dotado Dona Francisca com tão esplêndida estrada..."

As tremendas dificuldades vividas pelos pioneiros de São Bento, exilados, por assim dizer e sem igrejas, sem escolas, expostos aos desmandos das autoridades e de sitiantes paranaenses e sem quaisquer documentos que lhes garantissem a posse de suas terras, devido à Questão de Limites entre • Paraná e Santa Catarina - questão esta por sua rez nascida com o avanço da estrada vinda do Litoral, se insurgiram e, insuflados por alguns de espírito mais rebelde, desceram a Joinville, em número de 40, no intuito de apresentar as reivindicações ao

Diretor da Colônia, na época Ottokar Doerffel.

O nosso cronista José Zipperer, em seu estilo peculiar e

humorado, fala do motivo da ag tação:

"Um garganta contou aos colonos que o Imperador Dom Pedro paga a cada operário da construção da estrada Dona Francisca, a diária de três mil réis. E, como os operários só recebiam a metade, o tesoureiro metia em seu bolso, Rs. 1\$500 diariamente, de cada trabalhador..."

O "Kolonie-Zeitung", por sua vez, falando dos grandes problemas existentes para os colonos de São Bento, faz um relato

do acontecido, dizendo entre outras coisas:

"... O diretor interino da Colônia, dr. Ottokar Doerffel, dirigiu-se ao salao Berner, a fim de tomar conhecimento das reivindicações e entrar em entendimento com eles. As queixas principais foram: expulsão dos intrusos paranaenses, aumento do salário dos diaristas e empreiteiros, instalação de igrejas e escolas. A reunião tornou-se agitada, de modo que a polícia - três homens - achou de bom aviso convidar os colonos a deporem as armas. A isto, porém, se opuseram os colonos e os policiais tiveram de reagir. O delegado, senhor Heinrich Lepper, chamado às pressas, nada conseguiu com a sua ordem de deposição das armas, e ao tentar prender os insubordinados, as coisas se complicaram. Mas, com o auxílio de vários cidadaos, foi possível serenar os ânimos sem derramamento de sangue. Todos depuseram voluntariamente as armas. Na segunda-feira, entao, todos se reuniram com o Diretor que, atendendo ao seu desejo, concordou em pagar as passagen do dois deputados para que pudessem viajar ao Rio e apresentar as suas queixas pessoalmente ao Governo Imperial..."

A verdade é que os coitados, instigados por alguns rebeldes espertalhões, nada conseguiram com o Governo Imperial. A solução foi para eles, voltaram a trabalhar na construção da

estrada, pelos 1\$500 por dia...

Outro fator negativo no desenvolvimento do núcleo de São Bento foi a Questão de Limites entre as províncias do Paraná e Santa Catarina, Wolfgang Ammon assim se expressa à página 139 da "Crônica de São Bento".

"Em consequência da fundação da nova colônia São Bento à margem esquerda do Rio Negro e a nova estrada, aberta pelo engenheiro Wunderwald e com o progresso da construção da Estrada Dona Francisca, que estava sendo traçada em direção à vila Rio Negro, na província do Paraná, as terras localizadas naquela região, ainda agrestos na época atraíram os olhares da população paranaense limítrofe, que, atravessando o Rio Negro, se estabeleceu nas terras adquiridas pela direção da colônia Dona Francisca e demarcadas para os novos colonos.

Os paranaenses e a imprensa paranaense, prevendo um rápido desenvolvimento daquelas regiões, em decorrência da colonização alemã, apoiavam as transgressões e violações de seus

conterrâneos, com o intuito de adquirirem direito de posse na

divisa, dentro do território de Santa Catarina.

A Questão de Limites, apenas latente até 1873, tornou-se premente com a fundação da colônia São Bento, constituindo um grave e constante estorvo ao desenvolvimento e à ampliação do

novo núcleo à margem do arroio São Bento.

Durante muitos anos a Questão de Limites continuou tolhendo a iniciativa dos imigrantes alemães. Transgressões das autoridades paranaenses, barreiras alfandegárias paranaenses,
instaladas, ora aqui, ora ali em território da província de
Santa Catarina, escaramuças que muitas vezes quase se transformaram em lutas sangrentas, deixaram a população angustiada
durante muitos anos, até que, depois de debates jurídicos e
disputas de advogados durante décadas, depois de rios de dinheiro dispendidos, encontrou-se um "modus vivendi", que deu fim
as brigas dos estados irmãos do Paraná e de Santa Catarina".

E o 'Kolonie-Zeitung" de 23 de Janeiro de 1875, opina, a

respeito do assunto:

"... Esta é uma questão muito delicada, pois não se trata propriamente da anexação de terras, por uma ou por outra província. Trata-se da posse de uma região, na qual os produtos da hinterlândia, gado e erva-mate, estão sujeitos ao pagamento do imposto do pedágio..."

A 31 de maio de 1865 desceu, pelos caminhos e pela estrada em construção o primeiro carregamento de erva-mate, dando início a um ciclo des mais importantes no desenvolvimento econô-

mico de Joinville - o ciclo da erva-mate.

A 14 de outubro de 1876, o "Kolonie-Zeitung", publicou o

seguinte:

"Indústria do mate. O sr. Antônio Sinke, de Porto de Cima, virá para Joinville, a fim de instalar um engenho de erva-mate no engenho de arroz do sr. Hasse. O sr. Hasse arrendou o seu estabelecimento pelo prazo de vários anos ao sr. Sinke, o qual já está providenciando as necessárias modificações. E hoje chegou do Rio Negro um carregamento de erva-mate para beneficiamento, ao qual, sem dúvida, outros deverão seguir, assim que as pessoas souberam que encontram comprador para esse produto. A nossa Colônia só tem a ganhar com a empresa do sr. Sinke e seria desejável, por isso, que o seu exemplo encontre seguido-res..."

Wolfgang Ammon, diz o seguinte em sua obra à página 150:
"Para os moradores de São Bento, a introdução da indústria
do mate na colonia Dona Francisca, proporcionou a possibilidade de recolherem a erva-mate abundante em suas terras e transformá-la em dinheiro corrente. Além disso, a nova indústria
deu trabalho a muitos artesãos..."

Carlos Ficker, à página 408, da "História de Joinville", transcreve — no original francês — um relatório dirigido em junho de 1879 pelo então representante do Príncipe de Joinville, Fréderic Brustlein, ao administrador dos bens da Casa Orleans, em Paris, sr. E.Bocher. l'alando do início da industrialização da erva—mate em Joinville, F.Brustlein escreve o seguinte:

"Em 1877 um comerciante daqui - G.F. Hasse, transformou seu engenho de arroz em engenho de erva-mate e o arrendou a um industrial de Morretes, Antonio Sinke, que no primeiro ano da

empresa teve o lucro de 40 e 50 contos de réis.

Tal sucesso e a concorrência feita a Morretes e Antonina por Paranaguá e Curitiba, levaram dois outros industriais de Morretes, Celestino de Oliveira e Vicente Ferreira Loyola, a estabeleceram um engenho na Colônia e alugar o de Joinville, abandonado por Sinke, que construiu um engenho em Joinville, por conta própria.

Uma casa comercial de Joinville, Eduard Trinks & Irmãos, começou em fins de 1878 um engenho no Rio da Prata. Enfim, o engenheiro que dirige os trabalhos da estrada Dona Francisca, sr. Etienne Douat, alugou o terreno onde os índios mataram Lenschow em 1873, abandonado desde aquela época, para ali

instalar um engenho de mate à beira do rio Seco.

O desenvolvimento da industrialização do mate não se fez sem guerra, por parte da província do Paraná. Esta guerra, constante da Questão de Limites, acrescida da indiferença do Governo Central e Provincial por esta parte da Província, nos cau-

sou prejuízos incalculáveis."

E, uma vez iniciado aquele jureo ciclo do mate em Joinville, a "Serrastrasse", como era chamada a Estrada da Serra pelos imigrantes de língua alema, tomou um colorido todo especial. Se no princípio a carga preciosa era trazida a Joinville em lombo de burro, aos poucos foram aparecendo, mais e mais, os carroções de capota, comportando além de duas toneladas, e puxados a 5,6 ou 8 cavalos, chamados de "carroções de São Bento" ou "São-Bentowagen" pelos alemães.

Robert Gerhard, autor da obra "Dona Francisca, Hansa und Blumenau" (Dona Francisca, Hansa e Blumenau), à página 202,

diz:

"Deverão existir mais de 200 desses carroções, que trafegam entre Lapa, Rio Negro e São Bento, de um lado e Joinville de outro. Contando-se a média de 4 a 5 viagens mensais para cada carroção, o volume transportado debaixo das capotas brancas, evidentemente, é bastante elevado..."

Terminada em 1892, foi a estrada entregue ao tráfego, mas já pouco tempo depois, por ocasião da Revolução Federalista, sofreu ela danos consideráveis, dos quais só lentamente se re-

cuperou.

Acabou-se o romantismo dos pinhais - nativos, seculares, outrora existentes no Planalto. Acabou-se a poesia dos carroções e das diligências postais e dos coches, foi-se o lirismo dos tropéis, ressoando no macacame ou no revestimento de troncos.

Mas a estrada aí está: soberba, em seu aspecto novo, toda revestida de asfalto. Moderna, apesar dos seus 120 anos. Feita relo esforço de nossos avós, foi de suma importância no passado e de importância vital será para filhos e netos, a nossa, muito nossa, Imperial Estrada Dona Francisca!

_ x

Curiosidades do KOLONIE-ZEITUNG

Maria Thereza Böbel

KZ 28/05/1889 - Maria Clara de Miranda Oliveira avisa ao respeitavel publico e especialmente ás Exm. familias que abriu um collegio n'esta cidade á rua do Norte. Ensina a flores de escama, de papel, panno, pennas, canutilho, vidrilho, etc., bem como o portuguez, a bordar em ouro e prata, e outras disciplinas.

O seo horario e respectivas mensalidades serão as seguin-

tes:

Portuguez e bordado - das 9 ás 11 horas da manhã, 2\$000. - Flores - das 3 ás 4 da tarde, nas quintas feiras, 3\$000 por cada uma das especies no presente annuncio explicadas.

Lecciona tambem em casas de familias, sendo ahi os preços os que a annunciante convencionar, e todas as prendas que mais do agrado forem dos pretendentes. (sic)

KZ 15/11/1887 - Correio - Linhas das diligencias entre a cidade de Joinville e a villa de São Bento.

Comunicação Semanal.

O emprezario desta bem acreditada linha, devidamente autorisado pelo Governo, conduz d'ora em diante passageiros e malas entre os referidos lugares: uma vez por semana; sem elevação dos preços das passagens e segundo o itenerario que segue:

Dias da partida desta cidade nas segundas-feiras
Dias da chegada em São Bento nas terças-feiras
Dias da partida de São Bento nas sextas-feiras
Dias da chegada nesta cidade nos sabados

de cada semana

Joinville, aos 15 de Novembro de 1887
O emprezario, conductor das diligencias
C.Monich (sic)

Relatório da viagem ao Rio de Janeiro de 25/06 a 20/07/84

1. Dia 25/06/84, fomos recebida por Cely de Souza Soares Pereira, Chefe do Centro de Treinamento e Pesquisa em Papel, da Biblioteca Nacional, que nos aguardava para mostrar o serviço a ser

feito na Catalogação de Obras Raras.

1.1. Estas Obras trazidas por D.Joao VI na sua mudança para o Brasil, em 1808, formam um acervo paralelo dentro do Setor de Obras Raras (SOR). Seu valor é tão grande, todos com carimbo da Real Biblioteca (de Portugal) que a BN, criou um projeto especial para catalogá-las com a Fundação Pró-Memória.

1.2. A catalogação da BN é feita em Formato CALCO (sistema internacional de informação para computador, via satélite), dentro do mais atualizado método de transmissão da informação, que possibilita intercâmbio com Europa e Estados Unidos. A Biblioteca do Congresso (EUA), a maior das Américas, usa este sistema.

2. Visitamos a Diretora Adjunta da BN, Dra. Lia Temporal Malcher, que nos recebeu amavelmente, desejando sucesso ao nosso traba-

lho e ao Arquivo Histórico de Joinville.

2.1. Solicitamos a planta do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, no que fomos prontamente atendida; Dra. Lia Temporal Malcher, fez parte da equipe que estudou seu planeja-

mento e construção.

2.2. Imediatamente enviamos ao Exmo. Prefeito de Joinville, Sr. Wittich Freitag, xerox da planta solicitada para que pudesse ser estudada pelos engenheiros encarregados da construção da sede do AHJ.

3. Contatamos a Prof. Esther Caldas Bertoletti sobre a microfilmagem de periódicos do AHJ, pelo PLANO Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros, expondo nosso problema financeiro em encadernar os originais microfilmados, e o fato de não termos máquina-leitora de microfilme.

3.1. Esclarecemos o acúmulo de trabalho que a microfilmagem nos acarreta, uma vez que somos responsáveis pelo serviço dos espelhos (descrição do estado físico do material hemerográfico, página por página; e alterações dos títulos, periodicidade, começo e término da Vida útil do Jornal), que deve ser feito antes da microfilmagem.

3.2. O microfilme exige técnico habilitado na área e o bibliotecário que dá apoio ao serviço, deve dedicar-se a que seja feita uma descrição completa do material - Temos curso de Documentação e Microfilmagem, feito pelo IPOAP (RJ) em 1979.

- 3.3. A magnificência (grau da redução feita na microfilmagem), deve ser igual à magnificência da máquina leitora, para não haver distorção da imagem. Sob este aspeto deve ser consultado um especialista em mi rofilmagem, como o Prof. Waldemar Lima da Universidade do Rio de Janeiro (URJ), antes de sua aquisição, para evitar a compra de um material inadequado e caro, que impossibilite o intercâmbio com outras entidades, como já tem acontecido em outras entidades.
- 4. Visitamos a Prof. e Tradutora de Biblioteconomia Maria Antonieta Requião Piedade, grande profissional e mestra, que tem acompanhado nosso trabalho através do Boletim AHJ. Incentivou-nos a continuar os serviços desenvolvidos neste Arquivo.
- 5. Fomos a Fundação Getúlio Vargas rever a Prof. Nizeth Lazara Cohen, nossa mestra de Biblioteconomia, que nos explicou a abrangência do Formato CALCO no serviço de bibliotecas e arquivos.
- 6. Solicitamos o uso de micro-computador em Centros de Informação e Bibliotecas à Prof. Hagar Espanha Gomes, Coordenadora do Projeto de Cabeçalho de Assunto Unificado da BN, que dará um Cursopembagosto sobre a pesquisa rápida em Bibliotecas especializadas.

6.1. Aproveitamos sua sugestão para estudar o sistema de informações com disco.

- 7. Do dia O2 a 20/07/84 fizemos o Curso de Adaptação e Adequação à Prática da AACR2 — Anglo-American Cataloging Rules, 2nd. ed. (Regras de Catalogação Anglo-Americana, 2ª ed.) atualização das regras para descrição de documentos aprovadas e adotadas por órgãos internacionais de Biblioteconomia e Documentação.
- 8. Conclusão:
- 8.1. A BN nos proporcionou um Curso de atualização importante e imprescindível para os trabalhos de catalogação em documentos que precisam ser preservados para que estudiosos façam pesquisas e planos de organização, para gerações atuais e futuras; no AHJ as pesquisas são na área da história de Joinville nos seus múltiplos aspetos.

8.2. As Bibliotecas Públicas usam a difusão da informação imediata sem necessidade de preservação, uma vez que seu objetivo é a divulgação da informação, a nível geral e genérico, sem dedicar-se a um assunto especializado.

8.3. Aproveitamos a viagem ao Rio para contatos profissionais que se casam perfeitamente aos trabalhos já realizados e por realizar no AHJ, favorecendo o intercâmbio de conhecimentos e implantação de serviços e uso de material apropriado.

Ilma. Sra.

Prof. Dúnia Toaldo

FURJ

A CALL CALL SALES

ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE Doador(a): Dúnica de freitas

Data: 16/09/1896 Classif.
Visto: Terezinha

8.4. Esperamos sucesso nos novos trabalhos, começando pela construção da sede do AHJ, até a implantação de serviços, queimando etapas, à medida do necessário, sem prejuízo da continuação dos trabalhos já deitos ou por fazer; este é nosso objetivo.

Sarah Maria Isabel Gomes CRB/7-2861

90 anos de D.Chininha

Alexina Stamm Gomes, Vva. Plácido Gomes, completou 90 anos dia 31/07/84, rodeada de amigos e parentes que vieram de longe abraçá—la com carinho e estima, retribuindo a afeição sempre dispensada a todos que a rodeiam.

Filha de Mariquinha e Bernardo Stamm (nascida Maria Gomes de Oliveira), casou-se a O3/O1/1921 com Dr. Plácido Gomes, 1º médico nascido em Joinville, formado em 1910 pela Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, Deputado Estadual, escritor e jornalista, com grande atividade intelectual, que recebeu justa homenagem dos joinvillenses em 1922, quando voltou da prisão política por ter apoiado os 18 do Forte de Copacabana. Faleceu a 21/O3/1959.

D.Chininha é mãe de 6 filhos: Dr. Plácido Stamm Gomes (médico residente em São Paulo), Cel.Av. Bernardo Stamm Gomes (res. Curitiba), Eng. Luiz Procópio Gomes (res. Blumenau), Mario Antonio Stamm Gomes (res. Jlle), Cap.Av. Ricardo Stamm Gomes (falecido), e Rosa Maria Gomes Junqueira (res. Jlle), casada com Alte. Eugenio Junqueira; avó de 16 netos e bisavó de 16 bisnetos, alegre e disposta.

Fazemos votos de muita saúde e alegria para podermos aproveitar seu convívio durante muitos anos.

Nota: D.Chininha é sobrinha e cunhada do Senador Carlos Gomes de Oliveira, que é da sua idade...

CONTRIBUA PARA O ACERVO DO AHJ

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ
Praça Lauro Müller, s/n.
Caixa Postal D-100
89200 - Joinville - SC
Tel.: (0474) 22-2154

Aceitamos doações e fornecemos recibos de: jornais, documentos, fotografias antigas

AHJ, Jlle., 1(6) ago., 1984.